

A família cristã, lugar da transmissão da fé



A FAMÍLIA CRISTÃ, LUGAR DA TRANSMISSÃO DA FÉ

Podemos considerar que o modelo catequético atual, e que está em crise, caracterizado em pôr o catequista a fazer a catequese em espaços alheios à casa familiar, é recente na história da Igreja, contrapondo-se a toda uma história em que os pais católicos ensinavam os seus filhos com o exemplo e a instrução em casa, embora sempre com o apoio da comunidade. Nos tempos modernos, a família começou a deixar de proporcionar um contexto necessário para a vivência da fé, os pais habituaram-se a levar os filhos à catequese, pelo que cada vez é maior o número de pais que delegam única e exclusivamente na paróquia a formação na fé de seus filhos. Uma criança ou adolescente que vai à catequese e tem, ou não, uma aula de Educação Moral Religiosa Católica uma hora por semana, na escola, mas que, voltando a casa, encontra uma família que não partilha a fé¹, tem poucas possibilidades de verdadeiramente descobrir e viver o «tesouro» dessa mesma fé.

É fundamental apostar na conversão pastoral das famílias. Uma questão de formação da mentalidade, pois não se trata de aprender a doutrina, mas sim de facilitar uma iniciação cristã, isto é, que a família se encontre com Cristo, viva no seu amor e fale aos outros d'Ele. Portanto, implica aprender um modo de vida, de viver e viver em família, na perspectiva do Evangelho.

É indiscutível que a influência das famílias na educação dos seus filhos é um fator determinante para a sua formação, pois os valores e estilo de vida vividos pela fa-

mília são decisivos na formação dos filhos. Neste sentido, é unânime a constatação de que uma hora por semana de catequese só muito dificilmente poderá competir com o resto da vida das crianças e adolescentes. É aqui que entra a absoluta necessidade e urgência de ajudar as famílias, sobretudo os pais, a viverem a sua experiência de fé, porque só desta forma poderão contribuir, em grande parte, para a formação dos seus filhos. E assim, a família poderá transformar-se no lugar «natural», a base, o ponto de apoio, para um verdadeiro crescimento humano e cristão dos seus filhos.

Perante os ventos da secularização, a Igreja, uma vez «afastada» de todos os ambientes, só lhe resta um caminho para formar os seus filhos, sendo tal caminho apontado pelo Papa João Paulo II na **Familiaris consortio**: a catequese familiar (cf. FC 52). A família é, pois, o lugar privilegiado para o crescimento da fé, tal como sublinha o **Directorio Geral da Catequese**:

«A família como “lugar” de catequese tem uma prerrogativa única: transmite o Evangelho, integrando-o no contexto de profundos valores humanos. Com esta base humana, é mais profunda a iniciação na vida cristã: o despertar para o sentido de Deus, os primeiros passos na oração, a educação da consciência moral e a formação do sentido cristão do amor humano, concebido como reflexo do amor de Deus Criador e Pai. Em resumo: trata-se de uma educação cristã mais testemunhada do que ensinada, mais ocasional do que sistemática, mais permanente e quotidiana do que estruturada em períodos». DGC 255

A MISSÃO DA FAMÍLIA

A Igreja e a família são uma para a outra lugares propícios para a participação no mesmo mistério, o da revelação de Deus na história, porque a Igreja realiza a sua missão na edificação das famílias e, reciprocamente, as famílias constroem a Igreja de Deus. De facto, Igreja e a família têm uma missão comum e «o futuro da humanidade passa pela família» (FC 86) porque o «ser da família» lança uma luz sobre o mundo.

«A edificação de cada família cristã coloca-se no contexto da grande família da Igreja, que a sustenta e a transporta e garante que tenha sentido e que existirá um futuro para ela, o “sim” do Criador. E, reciprocamente, a Igreja é edificada pelas famílias, “pequenas Igrejas domésticas”, como lhes chamou o Vaticano II, redescobrimo uma antiga expressão patrística. No mesmo sentido, a Familiaris Consortio afirma que “o matrimónio cristão... é o lugar natural no qual se realiza a inserção da pessoa humana na grande família da Igreja” (FC 86)». BENTO XVI

Foi uma autêntica intuição do Concílio Vaticano II ter retomado o termo *ecclesiola* («uma Igreja em miniatura», Igreja doméstica) de S. João Crisóstomo para manifestar que a vida conjugal, o papel dos pais e dos filhos nas suas relações interpessoais são determinadas por uma vida de «comunhão» e uma «comunidade» a construir (CF GS 48). A família é uma realidade eclesial, sinal da união de Cristo com a sua Igreja, onde o mistério da Igreja está presente de certo modo (CF LG 11e FC 49) e a sua própria missão é ser comunidade que salva (CF FC 49), ao serviço da edificação do Povo de Deus (CF CIG 1534):

«Nos nossos dias, num mundo muitas vezes estranho e até hostil à fé, as famílias crentes são de primordial importância, como focos de fé viva e irradante. É por isso que o II Concílio do Vaticano chama à família, segundo uma antiga expressão, “Ecclesia domestica – Igreja doméstica” (LG 11). É

no seio da família que os pais são, “pela palavra e pelo exemplo (...), os primeiros arautos da fé para os seus filhos, ao serviço da vocação própria de cada um e muito especialmente da vocação consagrada” (LG 11)». CIG 1656

Portanto, a família (*ecclesiola*) é uma realidade eclesial, lugar por excelência de santificação mútua, tal como afirma o Papa João Paulo II na **Familiaris consortio**, referindo a **Sacrosanctum Concilium**³:

«O dever de santificação da família tem a sua raiz no batismo e a sua expressão máxima na Eucaristia, à qual está intimamente ligado o matrimónio cristão». FC 57

A família é também uma realidade intergeracional. Os esposos, no seu papel de pais, devem representar o amor divino que respeita e promove a diferença e a alteridade de cada criança e adolescente. Os pais são os que deram a vida no nome do Senhor e que representam, aos olhos dos seus filhos, o Deus bom (CF Lc 18, 19). A comunhão entre gerações é fortificada por um contexto parental onde os próprios pais perceberam a exigência de amar, de dar sentido e de honrar os seus próprios filhos como filhos de Deus (CF Jo 1, 12; João Paulo II, *Carta às famílias*, n. 22).

Cada criança deve ser querida como uma surpresa não planeada, e concebida com amor. Muitas vezes surge de improviso no amor e na vida dos pais, porém nenhum ser humano vem à humanidade sem ser «querido» diretamente por Deus. De certa forma – e a vida quotidiana é disso exemplo – «as crianças, ao poderem crescer “em sabedoria, idade e graça diante de Deus e dos homens” (Lc 2, 52), darão o seu precioso contributo à edificação da comunidade familiar e à santificação dos pais» (FC 26).

2 Bento XVI, *Discurso in occasione dell'apertura del convegno ecclesiale diocesano nella Basilica di San Giovanni in Laterano*, in «Insegnamenti di Benedetto XVI», I (2005), ed. Libreria Editrice Vaticana, Città del Vaticano 2006, p. 205.75

3 «O matrimónio se celebre usualmente dentro da Missa» (SC 59), para se exprimir a relação especial que existe entre Eucaristia e Matrimónio.76

1 Cf. B. Huebsch, *La catequesis de toda la comunidad. Hacia una catequesis por todos, con todos y para todos*, ed. Sal Terrae, Santander 2006, pp. 81-83.74

A família deve ser sinal e sacramento da presença do Deus Trindade. Na Igreja doméstica, manifesta-se uma presença particular do mistério divino (Cf. João Paulo II, *Carta às famílias*, n.º 22). Toda a comunhão na verdade e no amor vem de Deus e constrói-se com Ele, por Ele e n'Ele. O mistério trinitário determina as relações interpessoais dos esposos e dos membros da família. Ela está no coração de Deus quando Deus está no seu coração (Cf. 1 Cor 3, 16-17). Deus não está distante da família cristã, antes pelo contrário: à imagem da Trindade que é Unidade em três pessoas, a família é chamada a viver uma unidade profunda dentro de uma pluralidade. As pessoas fortificam a sua singularidade dentro de uma comunhão forte que está na origem da sua fecundidade.

Se a família exprime a natureza da Igreja, ela tem um papel capital onde se encontra, quer seja no bairro, na cidade, vila, paróquia, diocese ou nas culturas onde está inserida. A família é uma manifestação local, corporal, da comunhão eclesial.

O Vaticano II diz que a família é «o santuário da Igreja em casa» (AA 11). O amor da Igreja pela humanidade, na missão de Cristo, transparece nesta comunhão de pessoas. De facto, não há nenhuma história familiar banal, porque cada história de amor, que está na sua base, reenvia à última fonte, a Providência que dá sentido a todas as vidas e conhece todos pelo nome. As crianças são como filhos de Deus confiados aos pais, e os pais são como que aqueles que conduzem ao Criador e salvador. Assim, a família, na sua expressão concreta, representa a encarnação de todo o amor cristão, porque fundada sobre a graça batismal pertence ao mistério da Igreja. A partir desta graça, exerce a sua missão em diversas direções, tal como refere a *Familiaris consortio*:

- transmissão e serviço da vida;
- testemunho e educação da fé;
- serviço da oração e dos sacramentos;
- construção de uma civilização da vida e do amor numa relação com o mundo, fei-

ta de testemunho, de respeito e de anúncio explícito da origem de todo o amor.

Concentrar-nos-emos no testemunho e na educação da fé na família, isto é, na catequese familiar, porque temos consciência de que é um nó fundamental para que a família possa construir a Igreja, e a Igreja possa fortificar a família, pois, apesar de duas realidades, **vivem dum mesmo coração**⁴:

«A família é o objeto fundamental da evangelização e da catequese da Igreja, mas é também o seu indispensável e insubstituível sujeito: o sujeito criativo.

*Neste sentido, para ser este sujeito, não só para perseverar na Igreja e atingir as suas fontes, mas também para constituir a Igreja na sua dimensão fundamental, como uma “igreja em miniatura” (Igreja doméstica), a família deve, particularmente, estar consciente da missão da Igreja e da própria participação nesta missão»*⁵. JOÃO PAULO II

Os bispos portugueses, no referido documento sobre a família, reforçam a doutrina do Papa João Paulo II, ao considerarem a família como «espaço privilegiado de encontro com o amor, o primeiro lugar onde os filhos aprendem e interiorizam os valores perenes». (Cf. CEP, *A família...*, n. 54, p.209)

Mas, para tal, é de suma importância que os pais sejam capazes de compreender o seu papel dentro da missão da própria Igreja⁶, através de uma conveniente formação cristã⁷ que os ajude numa vivência autêntica da fé.

*«A catequese em casa tem finalidade e métodos muito diferentes da que se realiza na paróquia: é mais imediata, ligada à vida e às experiências concretas, do qual é rica a relação familiar entre pais e filhos; frequentemente, é ocasional, mas não menos eficaz que a sistemática; é profunda e envolvente, é participada por todos os membros num clima de escuta e de diálogo interpessoal»*⁸. C. NOSIGLIA

Fala-se, portanto, de *magistério da vida* que se explicita na experiência quotidiana e se serve de palavras, evidentemente, mas sobretudo de exemplos.

4 Cf. A. Mattheuws, *L'avenir de l'humanité passe par la famille*, in «Nouvelle Revue Théologique», 130 (2008), pp. 733-739.

5 João Paulo II, *Omelia alla Messa di apertura del V Sinodo dei Vescovi sui compiti della famiglia cristiana nel mondo contemporaneo*, 26 settembre 1980, in «Insegnamenti di Giovanni Paolo II», III/2 (1980), pp. 734-742.77

6 Cf. CEI, *Evangelizzazione e sacramento del matrimonio*, 20 giugno 1975, in «ECEI» II, 2091-2218. Primeira Parte, n. 30-37.

7 Cf. R. Bonetti, *Famiglia soggetto di evangelizzazione. L'esperienza di Bolone*, in «Familia et vita», 1 (2010), p. 96.

8 C. Nosiglia, *La famiglia, luogo della trasmissione della fede*, in «Catechesi», 79 (2009-2010) 2, p. 26.78